

## Tendências Contemporâneas (Poesia e Prosa)

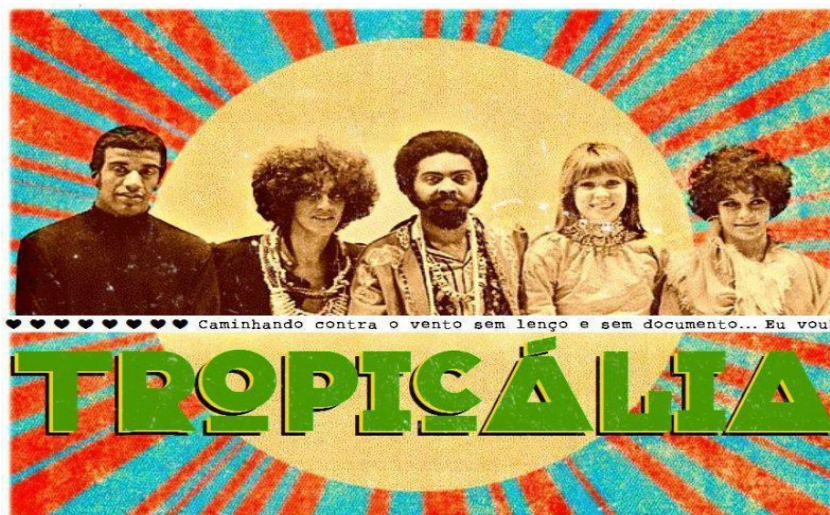
### Resumo

---

#### As Tendências Contemporâneas (poesia)

As tendências contemporâneas caracterizam-se pelas manifestações literárias a partir de meados do século XX até os dias atuais. Há uma vasta gama de artistas e autores que exploram diferentes formas de expressão e lirismo, uma vez que não há mais “moldes” estéticos, a intenção artística do momento é usufruir da liberdade e temática textuais. É difícil agrupar os autores contemporâneos, pois ainda estamos presenciando essas tendências em nosso dia a dia.

#### Tropicália



Disponível em: <<https://ano70.com.br/wp-content/uploads/2015/08/o-que-foi-tropic%C3%A1lia.jpg>>.

Ao final da década de 1960, o movimento Tropicália trouxe novos ares à música brasileira, uma vez que o ritmo da Bossa Nova era considerado o grande símbolo do país. Para promover o sincretismo cultural, vários artistas incorporaram influências estrangeiras, como o uso da guitarra elétrica e a psicodelia, porém, parte da população rejeitou essa manifestação artística, incitando que os estilos musicais deveriam ser puramente nacionais. A intenção da inserção do Tropicalismo no Brasil era promover a pluralidade cultural e impulsionar a modernidade artística.

Entre os artistas que se destacaram neste período, por meio da música, estão Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Torquato Neto, Tom Zé e a banda Os Mutantes.

“ Irreverente, a Tropicália transformou os critérios de gosto vigentes, não só quanto à música e à política, mas também à moral e ao comportamento, ao corpo, ao sexo e ao vestuário. A contracultura hippie foi assimilada, com a adoção da moda dos cabelos longos encaracolados e das roupas escandalosamente coloridas.

O movimento, libertário por excelência, durou pouco mais de um ano e acabou reprimido pelo governo militar. Seu fim começou com a prisão de Gil e Caetano, em dezembro de 1968. A cultura do País, porém, já estava marcada para sempre pela descoberta da modernidade e dos trópicos.”

Disponível em: <<http://tropicalia.com.br/identifisignificados/movimento>>.

## Poesia Marginal de 1970



Disponível em: <<http://s1.static.brasescola.uol.com.br/img/2014/06/helio-oiticica-seja-marginal-seja-heroi.jpg>>.

A poesia marginal surgiu em um período de repressão nos anos 70: a ditadura militar. Essa manifestação representa a voz das minorias, dos grupos de artistas que nunca foram elevados pela imprensa e que ficavam à margem da cultura considerada “elitizada”. A estética dessa poesia é dada por textos pequenos e preza pelo apelo visual, como quadrinhos e fotos associados ao texto verbal. Além disso, há a presença de uma linguagem coloquial e de uma temática cotidiana, que visa apresentar um caráter crítico, humorístico ou, até mesmo, erótico. Os grandes representantes são Chacal, Cacaso, Paulo Leminski e Torquato Neto.

Leia o poema humorístico “Jogos Florais” de Cacaso:

Minha terra tem palmeiras  
onde canta o tico-tico.  
Enquanto isso o sabiá  
vive comendo o meu fubá.  
Ficou moderno o Brasil  
ficou moderno o milagre:  
a água já não vira vinho,  
vira direto vinagre.

Minha terra tem Palmares  
memória cala-te já.  
Peço licença poética  
Belém capital Pará.  
Bem, meus prezados senhores  
dado o avançado da hora  
errata e efeitos do vinho  
o poeta sai de fininho.

(será mesmo com dois esses  
que se escreve paçarinho?)

## Adélia Prado



Disponível em: <[http://www.blahcultural.com/wp-content/uploads/2014/06/coluna-10\\_adelia\\_prado.jpg](http://www.blahcultural.com/wp-content/uploads/2014/06/coluna-10_adelia_prado.jpg)>.

A autora Adélia Prado, por exemplo, é um dos grandes nomes da poesia contemporânea. Um dos focos de temática é dar destaque para a voz feminina de forma leve e libertadora. Além disso, a autora escrevia poesias em que depositava sua fé cristã e há, também, poesias em que depositava uma maior sensualidade em relação à mulher. A autora, nascida em Divinópolis, Minas Gerais, promoverá uma releitura do papel da mulher

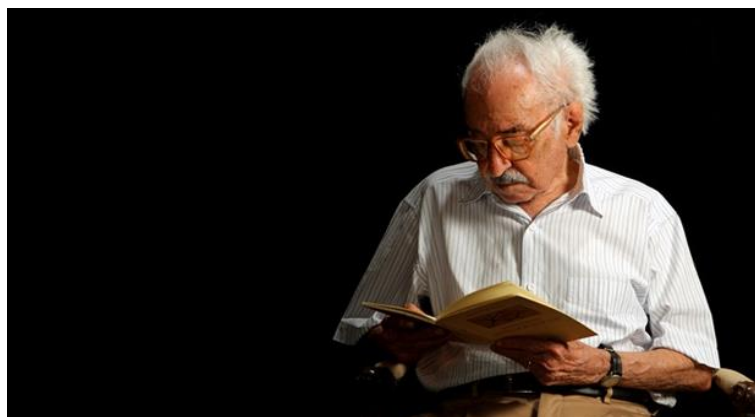
'tradicional' sem que haja a reprodução de valores conservadores, assumindo o compromisso com o cotidiano e tudo aquilo que a envolve: a casa, a comida, a família e a religião. Com isso, é comum que o público-leitor se identifique com tal temática, visto que essa se aproxima do plano real e se afasta do plano imagético.

Leia o poema "Amor Feinho" e observe como se constrói a lírica da autora:

Eu quero amor feinho.  
Amor feinho não olha um pro outro.  
Uma vez encontrado é igual fé,  
não teologa mais.  
Duro de forte o amor feinho é magro, doido por sexo  
e filhos tem os quantos haja.  
Tudo que não fala, faz.  
Planta beijo de três cores ao redor da casa  
e saudade roxa e branca,  
da comum e da dobrada.  
Amor feinho é bom porque não fica velho.  
Cuida do essencial; o que brilha nos olhos é o que é:  
eu sou homem você é mulher.  
Amor feinho não tem ilusão,  
o que ele tem é esperança:  
eu quero um amor feinho.

Do livro *Bagagem*. Rio de Janeiro: Record, 2011. p. 97

## Manoel de Barros



Disponível em: <<http://www.revistabula.com/wp/wp-content/uploads/2014/06/manoel.png>>.

O autor Manoel de Barros também é um dos nomes mais aclamados da poesia contemporânea. Com uma preocupação enorme com a estética do texto, subverteu a sintaxe e escrevia orações na ordem inversa, valorizando neologismos e sinestésias. Sua poesia carrega um caráter onírico e imaginativo, mas também relembra aspectos regionais de sua terra natal, Cuiabá. Além disso, seus textos apreciam as coisas simples da vida, fazendo uma leve crítica aos anseios do indivíduo de sempre se apegar a bens materiais.

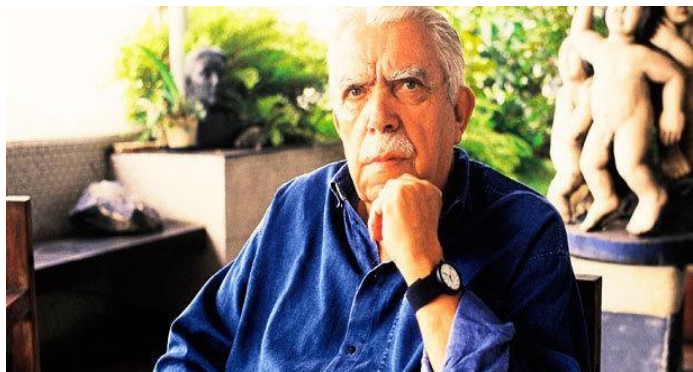
Leia o poema “Os deslimites da palavra” e conheça um pouco mais sobre o autor.

Ando muito completo de vazios.  
Meu órgão de morrer me predomina.  
Estou sem eternidades.  
Não posso mais saber quando amanheço ontem.  
Está rengo de mim o amanhecer.  
Ouço o tamanho oblíquo de uma folha.  
Atrás do ocaso fervem os insetos.  
Enfiei o que pude dentro de um grilo o meu destino.  
Essas coisas me mudam para cisco.  
A minha independência tem algemas.

## **As Tendências Contemporâneas (prosa)**

As tendências contemporâneas caracterizam-se pelas manifestações literárias a partir de meados do século XX até os dias atuais. Há uma vasta gama de autores que exploram as diferentes formas de expressão na prosa, uma vez que não há mais “moldes” estéticos, a intenção artística do momento é usufruir da liberdade e temática textuais. É difícil agrupar todos os autores contemporâneos, pois ainda estamos presenciando essas tendências em nosso dia a dia.

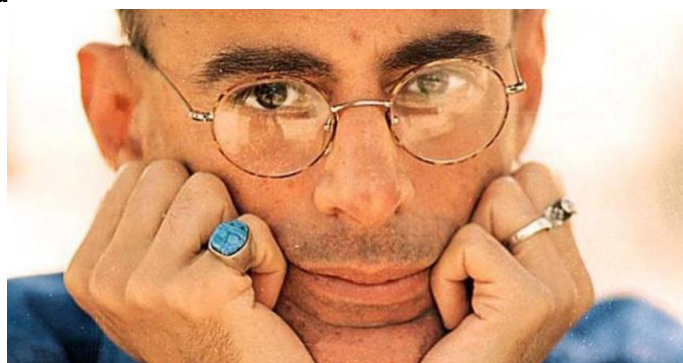
## Rubem Braga



Disponível em: <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/HNKPB26nSDYgK2EEjnAFKjRzgSdZabnTwrqkWrruwXt8PcmcBekYAHdWJxB/rubem-braga.jpeg>

Considerado um dos maiores cronistas do Brasil, Rubem Braga (1913 – 1990) nasceu em Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo. O autor formou-se em Direito, mas não exerceu a profissão e foi no mundo das Letras que seu nome se consagrou. Entre as temáticas abordadas, há a de cunho intimista, que retrata bastante sobre a personalidade do autor associado aos momentos de introspecção que viveu ao longo da vida. Rubem Braga conferiu caráter poético à prosa e escreveu sobre temas amorosos e reflexivos, sempre valorizando elementos do cotidiano e o prosaísmo.

## Caio Fernando Abreu



Disponível em: <http://www.asomadetodosafetos.com/content/uploads/2016/03/caio.jpg>.

Caio Fernando de Abreu (1948 – 1996) ganhou o coração de inúmeros leitores com seus textos de cunho intimista, linguagem leve e temática amorosa. O autor nasceu em Santiago do Boqueirão, em Rio Grande do Sul e, durante a década de 1970, período do regime militar, foi perseguido pela força policial e fugiu para a Europa, retornando ao Brasil alguns anos depois.

“Consagrado pelo público online alcançou popularidade com à inclusão de seus textos em inúmeros perfis e fanpages, graças a seu humor simples, falando de temas de interesse universal, como amor, sexo, solidão e morte, de maneira direta, sem rodeios. Trabalhou também para as revistas, Nova e Manchete. Colaborou ainda para os jornais Correio do Povo, Zero Hora, Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo.”

Disponível em: <http://www.asomadetodosafetos.com/2016/03/10-citacoes-de-caio-fernando-abreu-que-todo-mundo-deveria-conhecer.html>.



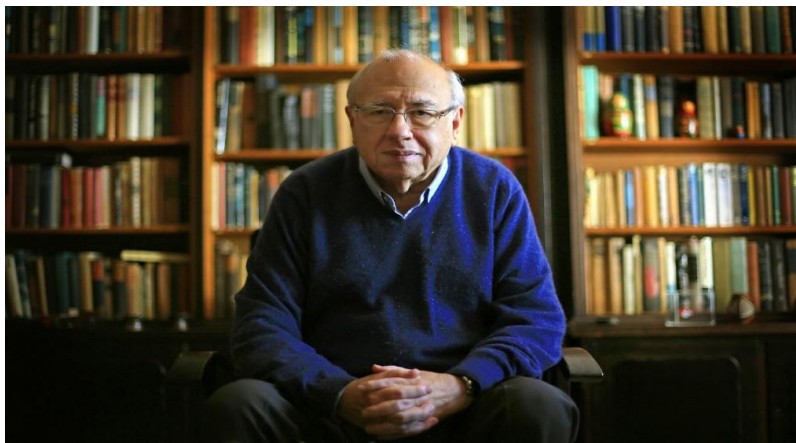
## Nelson Rodrigues



Disponível em: <[https://laamora.files.wordpress.com/2012/09/nelson\\_rodrigues1.jpg](https://laamora.files.wordpress.com/2012/09/nelson_rodrigues1.jpg)>.

Nelson Rodrigues (1912 – 1980) é tido como um dos maiores dramaturgos do país. Nelson foi cronista, romancista, folhetinista e teatrólogo. Muitos críticos o enxergam como um autor de cunho Modernista, mas Nelson Rodrigues também conquistou grande influência no que hoje se chama de teatro contemporâneo, uma vez que entre as temáticas abordadas se encontram a questão do adultério, da morte, do suicídio e do preconceito.

## Luís Fernando Veríssimo



Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/>

Luís Fernando Veríssimo, filho de Érico Veríssimo, é escritor, cartunista, humorista, tradutor e além de cronista, músico. É considerado um dos escritores mais populares do país e suas crônicas ficaram conhecidas pelo caráter humorístico, sendo publicadas em diversos jornais, como por exemplo, O Globo e Estadão. Seus cartuns também abordam as temáticas sociais, culturais e políticas vigentes, sempre incitando o humor e a ironia a fim de provocar a reflexão no leitor.

## Lygia Fagundes Telles



Disponível em: <<https://ogimg.infoglobo.com.br/in/18601274-1bd-874/FT1086A/420/Lygia-Fagundes-Telles.jpg>>.

Nascida em São Paulo, a autora Lygia Telles é uma grande romancista e contista brasileira. Em 1985, tornou-se a terceira mulher a fazer parte da Academia Brasileira de Letras e sua literatura explora, de forma intimista, a psicologia feminina, o universo urbano e as relações interpessoais. Além disso, em 2016, aos 92 anos de idade, Lygia Fagundes Telles tornou-se a primeira mulher brasileira a ser indicada ao prêmio Nobel de Literatura.

“Lygia Fagundes Telles, de 92 anos, recebeu vários prêmios ao longo da carreira, tais como o Camões (2005), e o Jabuti (1966, 1974 e 2001). Ela tem obras traduzidas para o alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, polonês, sueco, tcheco, português de Portugal, além de adaptações de suas obras para o cinema, teatro e TV. Lygia fundou a UBE e faz parte do Conselho Diretor da instituição.”

Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2016/02/lygia-fagundes-telles-e-indicada-ao-nobel-de-literatura.html>>.

## Textos de Apoio

### Roteiro turístico

Apresentamos a seguir o roteiro de nossa excursão "Viagem a um mundo encantado", um excitante mergulho no maravilhoso universo do consumo.

9h - Início da excursão. Saída dos participantes do viaduto em que residem. O embarque será feito em ônibus comum, de linha. Não usaremos helicóptero e nem mesmo ônibus especial. Não se trata de economia; queremos evidenciar o contraste entre um velho e barulhento veículo e a moderna e elegante construção que é o objeto de nossa visita.

10h - Chegada ao shopping. Depois do deslumbramento inicial, o grupo adentrará o recinto, o que deverá ser feito de forma organizada, sem tumulto, de maneira a não chamar a atenção. Isto poderia resultar em incidentes desagradáveis.

10-12h - Visita às lojas. Este é o ponto alto de nossa tour, e para ele chamamos a atenção de todos os participantes. Poderão observar os últimos lançamentos da moda primavera-verão, os computadores mais avançados, os eletrodomésticos mais modernos. Numa das vitrines será visualizado um relógio de pulso Bulgari custando aproximadamente US\$ 10 mil. Os nossos guias, sempre bem informados, farão uma análise desta quantia. Mostrarão que ela equivale a cem salários mínimos e que portanto seriam necessários quase



dez anos para adquirir tal relógio. Tais condições oportunizarão uma reflexão sobre a dimensão filosófica do tempo, muito necessária, a nosso ver -já que é objetivo da agência não apenas o turismo banal, mas sim um alargamento do horizonte cultural de nossos clientes.

12-14h - Normalmente, este horário será reservado ao almoço. Considerando, contudo, que o tempo é breve e custa caro (ver acima) propomos aos participantes um passeio pela área de alimentação, onde teremos uma visão abrangente do mundo do fast food. Lembramos que é proibido consumir os restos porventura deixados sobre a mesa ou mesmo caídos no chão.

14-16h - Continuação de nossa visita. Serão mostrados agora os locais de diversão. Os participantes poderão ver todos -repetimos, todos- os cartazes dos filmes em exibição.

16h - Embarque em ônibus de linha com destino ao ponto de partida, isto é, o viaduto.

17h - Nenhum acidente acontecendo, chegada ao viaduto e fim de nossos serviços."

Moacyr Scliar. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff28129807.htm>

## **A sociedade das máscaras (fragmento)**

De quem é, afinal, a culpa? Que o mundo é um grande palco, e nós, os atores; que vestimos múltiplas máscaras (...); que viramos escravos da ilusão da infalibilidade da razão; que a lógica econômica se apropria de tudo que é humano; que a imagem, real ou rarefeita, fez-se deusa da verdade; que vivemos numa Sociedade do Espetáculo, onde toda a expressão ou informação corre o risco de se converter em show: tudo isso já não é novo, é até clichê.

Interessante, mesmo, é observar que máscaras vestimos, a que papéis nos submetemos, muitas vezes sem ensaio. Quanto maior for a consciência de uma porta de saída para, num intervalo da ópera, capturar e respirar ares de genuína liberdade.

É comum, na hora de denunciar os mascarados, olhar primeiro para o coro dos políticos, como se fossem seres de outro planeta, e não aqueles dentro de nós que acreditam que a vida pública seja o caminho. Por "nós" entenda-se a sociedade brasileira, seus homens e mulheres, entre os quais alguns vão parar nas câmaras, assembleias e gabinetes. É compreensível: "eles", políticos, estão no tablado maior e com "eles" está o poder de legislar, decretar, arrecadar, distribuir, cortar, sancionar, vetar. Cômoda e perigosa ilusão é crer que "somos" meros espectadores.

(...)

Máscaras. Assim vivemos. Não à toa, Michael Jackson foi, e ainda é, o ídolo maior da herança pop, esse terreno multiforme que em muito impulsionou a tal da "indústria cultural". O pop é culpado.

Notem que Michael Jackson, o máscara dos máscaras, o monstro sobre cuja biografia pesam sérias suspeitas, uma vez morto é imediatamente convertido em santo ou sabe-se lá o quê, pois sequer o corpo aparece. A prótese total em que se transformou, em vida, Michael Jackson, faz dele nosso redentor, pois ele personifica nossa busca desesperada de parecer em vez de ser.

Nos orkuts, facebook, twitters, messengers e outras formas de lançamentos de egos, com nossos avatares, nossos símbolos, recuperamos a prerrogativa de ser alguém-para-o-mundo, antes outorgada só aos atores, atrizes e meia dúzia de colunistas de jornal de papel. Podemos tamb[em fazer nosso show pessoal e

entreter online. Gravar nossos discos e tocá-los na infovia. Escrever nossos livros e difundi-los na rede. Dar nossos pitacos em blogs, nos nossos e nos dos outros.

(...)

Sintetizar máscaras, muitas, só por gosto, não é uma prática nova, mas fazê-lo sem as limitações que o mundo físico impõe, através de janelas que se abrem indefinidamente, exige uma certa perícia que ainda não chegamos nem perto de alcançar. Na sociedade das máscaras, somos ainda seres pré-históricos aprendendo os fundamentos do uso das ferramentas de que dispomos na Terra convulsa. O problema é saber quando a ferramenta esconde um punhal, manipulado por mãos invisíveis, do outro lado do espelho, montanha que nos separa de nós meses.

(BLOCH, Arnaldo. *O Globo*, 29 de agosto de 2009.)

Lixeiras pequenas e esmaltadas. Dentro coisas delicadas movem-se um pouco como cascas de ovo espinhas de peixe e também nunca inteiramente quietas partes de cebolas peroladas levíssimas ali fazem seu ninho.

Lixo não atômico, tem certa graça ligeira vinda de refeições ainda mais rápidas.

Falta de ceias tardias inventivas de estudantes pobres e artistas de amantes frágeis de estômago enjoado e dos restos de que são feitos os sonhos e das migalhas que se soltam da toalha agitada diante da janela e vão tomar parte na noite misturadas às estrelas.

(TAVARES, Zulmira Ribeiro. *O mandril*. São Paulo: Brasiliense, p. 18, 1998)

Vendedoras. Ótima aparência, excelente salário. Rua tal, no tal. Recusada. Boutique cidade precisa moça boa aparência entre 25 e 30 anos. Marcar entrevista tel. no tal. Recusada.

Moças bonitas e educadas para trabalhar como recepcionistas. Garantimos ganhos acima de um milhão. Procurar D. Fulana das 12,00 às 20,00 horas, na rua tal, no tal. Recusada.

Senhor solitário com pequeno defeito físico procura moça de 30 anos para lhe fazer companhia. Não precisa ser bonita. Endereço tal. Desta vez ela não disfarçou a corcunda nem pôs óculos escuros para esconder o estrabismo. Contratada.

(CUNHA, Helena Parente. *Cem mentiras de verdade*, 1985)

## Exercícios

---

### 1. Cabeludinho

Quando a Vó me recebeu nas férias, ela me apresentou aos amigos: Este é meu neto. Ele foi estudar no Rio e voltou de ateu. Ela disse que eu voltei de ateu. Aquela preposição deslocada me fantasiava de ateu. Como quem dissesse no Carnaval: aquele menino está fantasiado de palhaço. Minha avó entendia de regências verbais. Ela falava de sério. Mas todo-mundo riu. Porque aquela preposição deslocada podia fazer de uma informação um chiste. E fez. E mais: eu acho que buscar a beleza nas palavras é uma solenidade de amor. E pode ser instrumento de rir. De outra feita, no meio da pelada um menino gritou: Disilimina esse, Cabeludinho. Eu não disiliminei ninguém. Mas aquele verbo novo trouxe um perfume de poesia à nossa quadra. Aprendi nessas férias a brincar de palavras mais do que trabalhar com elas. Comecei a não gostar de palavra engavetada. Aquela que não pode mudar de lugar. Aprendi a gostar mais das palavras pelo que elas entoam do que pelo que elas informam. Por depois ouvi um vaqueiro a cantar com saudade: Ai morena, não me escreve / que eu não sei a ler. Aquele a preposto ao verbo ler, ao meu ouvir, ampliava a solidão do vaqueiro.

**BARROS, M. Memórias inventadas: a infância. São Paulo: Planeta, 2003.**

No texto, o autor desenvolve uma reflexão sobre diferentes possibilidades de uso da língua e sobre os sentidos que esses usos podem produzir, a exemplo das expressões “voltou de ateu”, “disilimina esse” e “eu não sei a ler”. Com essa reflexão, o autor destaca

- a) os desvios linguísticos cometidos pelos personagens do texto.
- b) a importância de certos fenômenos gramaticais para o conhecimento da língua portuguesa.
- c) a distinção clara entre a norma culta e as outras variedades linguísticas.
- d) o relato fiel de episódios vividos por Cabeludinho durante as suas férias.
- e) a valorização da dimensão lúdica e poética presente nos usos coloquiais da linguagem.

## 2. O negócio

Grande sorriso do canino de ouro, o velho Abílio propõe às donas que se abastecem de pão e banana:

– Como é o negócio?

De cada três dá certo com uma. Ela sorri, não responde ou é uma promessa a recusa:

– Deus me livre, não! Hoje não ...

Abílio interpelou a velha:

– Como é o negócio?

Ela concordou e, o que foi melhor, a filha também aceitou o trato. Com a dona Julietinha foi assim. Ele se chegou:

– Como é o negócio?

Ela sorriu, olhinho baixo. Abílio espreitou o cometa partir. Manhã cedinho saltou a cerca. Sinal combinado, duas batidas na porta da cozinha. A dona saiu para o quintal, cuidadosa de não acordar os filhos. Ele trazia a capa de viagem, estendida na grama orvalhada.

O vizinho espionou os dois, aprendeu o sinal. Decidiu imitar a proeza. No crepúsculo, pum-pum, duas pancadas fortes na porta. O marido em viagem, mas não era dia do Abílio. Desconfiada, a moça surgiu à janela e o vizinho repetiu:

– Como é o negócio?

Diante da recusa, ele ameaçou:

– Então você quer o velho e não quer o moço? Olhe que eu conto!

TREVISAN, D. *Mistérios de Curitiba*. Rio de Janeiro: Record, 1979 (fragmento).

Quanto à abordagem do tema e aos recursos expressivos, essa crônica tem um caráter

- a) filosófico, pois reflete sobre as mazelas sofridas pelos vizinhos.
- b) lírico, pois relata com nostalgia o relacionamento da vizinhança.
- c) irônico, pois apresenta com malícia a convivência entre vizinhos.
- d) crítico, pois deprecia o que acontece nas relações de vizinhança.
- e) didático, pois expõe uma conduta a ser evitada na relação entre vizinhos.

3. Teatro do Oprimido é um método teatral que sistematiza exercícios, jogos e técnicas teatrais elaboradas pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal, recentemente falecido, que visa à desmecanização física e intelectual de seus praticantes. Partindo do princípio de que a linguagem teatral não deve ser diferenciada da que é usada cotidianamente pelo cidadão comum (oprimido), ele propõe condições práticas para que o oprimido se aproprie dos meios do fazer teatral e, assim, amplie suas possibilidades de expressão. Nesse sentido, todos podem desenvolver essa linguagem e, conseqüentemente, fazer teatro. Trata-se de um teatro em que o espectador é convidado a substituir o protagonista e mudar a condução ou mesmo o fim da história, conforme o olhar interpretativo e contextualizado do receptor.

Companhia Teatro do Oprimido. Disponível em: [www.ctorio.org.br](http://www.ctorio.org.br).

Acesso em: 1 jul. 2009 (adaptado).

Considerando-se as características do Teatro do Oprimido apresentadas, conclui-se que

- a) esse modelo teatral é um método tradicional de fazer teatro que usa, nas suas ações cênicas, a linguagem rebuscada e hermética falada normalmente pelo cidadão comum.
- b) a forma de recepção desse modelo teatral se destaca pela separação entre atores e público, na qual os atores representam seus personagens e a plateia assiste passivamente ao espetáculo.
- c) sua linguagem teatral pode ser democratizada e apropriada pelo cidadão comum, no sentido de proporcionar-lhe autonomia crítica para compreensão e interpretação do mundo em que vive.
- d) o convite ao espectador para substituir o protagonista e mudar o fim da história evidencia que a proposta de Boal se aproxima das regras do teatro tradicional para a preparação de atores.
- e) a metodologia teatral do Teatro do Oprimido segue a concepção do teatro clássico aristotélico, que visa à desautomação física e intelectual de seus praticantes.

## 4. Silogismo

Um salário-mínimo maior do que o que vão dar desarrumaria as contas públicas, comprometeria o programa de estabilização do Governo, quebraria a Previdência, inviabilizaria o país e provavelmente desmancharia o penteado do Malan. Quem prega um salário-mínimo maior o faz por demagogia, oportunismo político ou desinformação. Sérios, sensatos, adultos e responsáveis são os que defendem o reajuste possível, nas circunstâncias, mesmo reconhecendo que é pouco. Como boa parte da população brasileira vive de um mínimo que não dá para viver e as circunstâncias que o impedem de ser maior não vão mudar tão cedo, eis-nos num silogismo bárbaro: se o país só sobrevive com mais da metade da sua população condenada a uma subvida perpétua, estamos todos condenados a uma lógica do absurdo. Aqui o sério é temerário, o sensato é insensato, o adulto é irreal e o responsável é criminoso. A nossa estabilidade e o nosso prestígio com a comunidade financeira internacional se devem à tenacidade com que homens honrados e capazes, resistindo a apelos emocionais, mantêm uma política econômica solidamente fundeada na miséria alheia e uma admirável coerência baseada na fome dos outros. O país só é viável se metade da sua população não for. (...)

VERÍSSIMO, L. F. *O Globo*, 24/03/2000.

**Silogismo:** *S. m. Lóg.* Dedução formal tal que, postas duas proposições, chamadas premissas, delas se tira uma terceira, nelas logicamente implicada, chamada conclusão.

FERREIRA, A. B. de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

O texto apresenta um ponto de vista crítico, construído, dentre outros, pelo recurso da ironia.

A qualidade que constitui uma ironia, no texto, é:

- a) “político” (linha 03)
- b) “perpétua” (linha 08)
- c) “emocionais” (linha 11)
- d) “admirável” (linha 12)



5. São Paulo vai se recensear. O governo quer saber quantas pessoas governa. A indagação atingirá a fauna e a flora domesticadas. Bois, mulheres e algodoeiros serão reduzidos a números e invertidos em estatísticas. O homem do censo entrará pelos bangalôs, pelas pensões, pelas casas de barro e de cimento armado, pelo sobradinho e pelo apartamento, pelo cortiço e pelo hotel, perguntando:
- Quantos são aqui?
- Pergunta triste, de resto. Um homem dirá:
- Aqui havia mulheres e criancinhas. Agora, felizmente, só há pulgas e ratos.
- E outro:
- Amigo, tenho aqui esta mulher, este papagaio, esta sogra e algumas baratas. Tome nota dos seus nomes, se quiser. Querendo levar todos, é favor... (...)
- E outro:
- Dois, cidadão, somos dois. Naturalmente o sr. não a vê. Mas ela está aqui, está, está! A sua saudade jamais sairá de meu quarto e de meu peito!

**Rubem Braga. Para gostar de ler. v. 3 São Paulo: Ática, 1998, p. 32-3 (fragmento).**

O fragmento acima, em que há referência a um fato sócio histórico – o recenseamento –, apresenta característica marcante do gênero crônica ao

- a) expressar o tema de forma abstrata, evocando imagens e buscando apresentar a ideia de uma coisa por meio de outra.
- b) manter-se fiel aos acontecimentos, retratando os personagens em um só tempo e um só espaço.
- c) contar história centrada na solução de um enigma, construindo os personagens psicologicamente e revelando-os pouco a pouco.
- d) evocar, de maneira satírica, a vida na cidade, visando transmitir ensinamentos práticos do cotidiano, para manter as pessoas informadas.
- e) valer-se de tema do cotidiano como ponto de partida para a construção do texto que recebe tratamento estético.

## 6. Sem acessórios nem som

Escrever só para me livrar  
de escrever.

Escrever sem ver, com riscos  
sentindo falta dos acompanhamentos  
com as mesmas lesmas  
e figuras sem força de expressão.

Mas tudo desafina:

o pensamento pesa  
tanto quanto o corpo  
enquanto corto os conectivos  
corto as palavras rentes  
com tesoura de jardim  
cega e bruta  
com facão de mato.

Mas a marca deste corte  
tem que ficar  
nas palavras que sobraram.

Qualquer coisa do que desapareceu  
continuou nas margens, nos talos  
no atalho aberto a talhe de foice  
no caminho de rato.

FREITAS FILHO, A. *Máquina de escrever: poesia reunida e revista*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

Nesse texto, a reflexão sobre o processo criativo aponta para uma concepção de atividade poética que põe em evidência o(a)

- a) angustiante necessidade de produção, presente em “Escrever só para me livrar/ de escrever”.
- b) imprevisível percurso da composição, presente em “no atalho aberto a talhe de foice/ no caminho de rato”.
- c) agressivo trabalho de supressão, presente em “corto as palavras rentes/ com tesoura de jardim/ cega e bruta”.
- d) inevitável frustração diante do poema, presente em “Mas tudo desafina:/ o pensamento pesa/ tanto quanto o corpo”.
- e) conflituosa relação com a inspiração, presente em “sentindo falta dos acompanhamentos/ e figuras sem força de expressão”.

7. Mesmo tendo a trajetória do movimento interrompida com a prisão de seus dois líderes, o tropicalismo não deixou de cumprir seu papel de vanguarda na música popular brasileira. A partir da década de 70 do século passado, em lugar do produto musical de exportação de nível internacional prometido pelos baianos com a “retomada da linha evolutória”, instituiu-se nos meios de comunicação e na indústria do lazer uma nova era musical.

**TINHORÃO, J.R. Pequena história da música popular: da modinha ao tropicalismo. São Paulo: Art, 1986 (adaptado).**

A nova era musical mencionada no texto evidencia um gênero que incorporou a cultura de massa e se adequou à realidade brasileira. Esse gênero está representado pela obra cujo trecho da letra é:

- a) A estrela d’alva / No céu desponta / E a lua anda tonta/ Com tamanho esplendor. (As pastorinhas, Noel Rosa e João de Barro)
- b) Hoje / Eu quero a rosa mais linda que houver / Quero a primeira estrela que vier / Para enfeitar a noite do meu bem. (A noite do meu bem, Dolores Duran)
- c) No rancho fundo / Bem pra lá do fim do mundo / Onde a dor e a saudade / Contam coisas da cidade. (No rancho fundo, Ary Barroso e Lamartine Babo)
- d) Baby Baby / Não adianta chamar / Quando alguém está perdido / Procurando se encontrar. (Ovelha negra, Rita Lee)
- e) Pois há menos peixinhos a nadar no mar / Do que os beijinhos que eu darei / Na sua boca. (Chega de saudade, Tom Jobim e Vinicius de Moraes)

**8. Das irmãs**  
os meus irmãos sujando-se  
na lama  
e eis-me aqui cercada  
de alvura e enxovais

eles se provocando e provando  
do fogo  
e eu aqui fechada  
provendo a comida

eles se lambuzando e arrotando  
na mesa  
e eu a temperada  
servindo, contida

os meus irmãos jogando-se  
na cama  
e eis-me afiançada  
por dote e marido

QUEIROZ, S. *O sacro ofício*. Belo Horizonte: Comunicação, 1980.

O poema de Sonia Queiroz apresenta uma voz lírica feminina que contrapõe o estilo de vida do homem ao modelo reservado à mulher. Nessa contraposição, ela conclui que

- a) a mulher deve conservar uma assepsia que a distingue de homens, que podem se jogar na lama.
- b) a palavra “fogo” é uma metáfora que remete ao ato de cozinhar, tarefa destinada às mulheres.
- c) a luta pela igualdade entre os gêneros depende da ascensão financeira e social das mulheres.
- d) a cama, como sua “alvura e enxovais”, é um símbolo da fragilidade feminina no espaço doméstico.
- e) os papéis sociais destinados aos gêneros produzem efeitos e graus de autorrealização desiguais.

9.



Capa do LP Os Mutantes, 1968.

Disponível em: <http://mutantes.com>. Acesso em: 28 fev. 2012.

A capa do LP Os Mutantes, de 1968, ilustra o movimento da contracultura. O desafio à tradição nessa criação musical é caracterizado por

- a) letras e melodias com características amargas e depressivas.
- b) baseados em ritmos e melodias nordestinos.
- c) sonoridades experimentais e confluência de elementos populares e eruditos.
- d) temas que refletem situações domésticas ligadas à tradição popular.
- e) ritmos contidos e reservados em oposição aos modelos estrangeiros.

## 10. Tarefa

Morder o fruto amargo e não cuspir  
Mas avisar aos outros quanto é amargo  
Cumprir o trato injusto e não falhar  
Mas avisar aos outros quanto é injusto  
Sofrer o esquema falso e não ceder  
Mas avisar aos outros quanto é falso  
Dizer também que são coisas mutáveis...  
E quando em muitos a não pulsar  
– do amargo e injusto e falso por mudar –  
então confiar à gente exausta o plano  
de um mundo novo e muito mais humano.

CAMPOS, G. Tarefa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

Na organização do poema, os empregos da conjunção “mas” articulam, para além de sua função sintática,

- a) a ligação entre verbos semanticamente semelhantes.
- b) a oposição entre ações aparentemente inconciliáveis.
- c) a introdução do argumento mais forte de uma sequência.
- d) o reforço da causa apresentada no enunciado introdutório.
- e) a intensidade dos problemas sociais presentes no mundo.



## Gabarito

---

1. **E**  
Manoel de Barros se utiliza do lúdico em suas poesias o que o aproxima da fala coloquial e da oralidade.
2. **C**  
A crônica aborda criticamente a questão da fofoca, temática recorrente entre texto sobre vizinhos, já que a tradição popular é a de que essa relação é comum.
3. **C**  
No que diz respeito ao texto, pode-se destacar que a linguagem utilizada no teatro é mais usual de modo que o leitor possa refletir sobre o espetáculo assistido.
4. **D**  
"emocionais" se refere aos apelos negados por quem controla a economia. Na realidade, o apelo é de sobrevivência.
5. **E**  
A crônica é um texto híbrido que transita por diferentes funções sociais. Nesse caso, se utiliza de um fato histórico para retratar problemas sociais de forma ironizada.
6. **C**  
O texto denota certo tom de sofrimento ao escrever, como se o processo fosse doloroso.
7. **D**  
O termo "baby, baby", ao evidenciar uma mescla de línguas na música, também retoma a essência da repetição de palavras, representação clara da nova era musical.
8. **E**  
O texto de Sonia Queiroz evidencia a diferença nos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres, na sociedade. É possível compreender a crítica em relação ao fato de o homem ser livre e realizado, enquanto as mulheres ficam responsáveis pelas tarefas do lar.
9. **C**  
O movimento da contracultura diz respeito à recusa dos padrões estabelecidos em uma determinada época. Assim, a banda é citada como exemplo, porque além de utilizarem uma forma sonora diferenciada, fizeram uso também de elementos populares e eruditos que contribuíram para sua criação musical.
10. **C**  
O enunciado deixa claro que é preciso identificar o que a conjunção anuncia além de sua função sintática, logo é a introdução de um argumento mais forte em oposição ao anterior.